

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. 2015. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras. 729 p.

Marina Pereira Novo
UFSCar

“Não sou um ancião e ainda sei pouco. Entretanto, para que minhas palavras sejam ouvidas longe da floresta, fiz com que fossem desenhadas na língua dos brancos. Talvez assim eles afinal as entendam, e depois deles seus filhos, e mais tarde ainda, os filhos de seus filhos. Desse modo, suas ideias a nosso respeito deixarão de ser tão sombrias e distorcidas e talvez até percam a vontade de nos destruir” – Davi Kopenawa (: 76).

Essa citação condensa, a meu ver, a intenção do xamã Davi Kopenawa, quando propôs ao antropólogo francês Bruce Albert que “desenhasse nas peles de papel” suas palavras, para que pudessem ser levadas para longe da floresta. Sua esperança era de que talvez (e apenas talvez) surtisses o efeito de contribuir para a sobrevivência não só dos Yanomami, mas também da floresta e todos os seus habitantes. Cinco anos após a publicação original em francês e dois anos após a tradução em inglês, finalmente o livro chega ao público do Brasil, com uma tradução muito cuidadosa de Beatriz Perrone-Moisés e complementado pelo prefácio de Eduardo Viveiros de Castro. Nesta apresentação, Viveiros de Castro ressalta a importância deste evento neste momento crucial que vivenciamos na política brasileira, especialmente no que diz respeito aos povos indígenas. Ainda que as mobilizações a favor da conservação da floresta e de seus habitantes venham ganhando algum fôlego nas últimas décadas, são ainda muito tímidas frente às crescentes pressões desenvolvimentistas, do agronegócio e da mineração, que fecham o cerco sobre o pouco que ainda resta da floresta.

Escrito em primeira pessoa, o livro é o resultado do trabalho, amizade e pesquisa, ao longo de mais de 30 anos, dos dois autores que têm se empenhado na tarefa conjunta de defender os Yanomami das mais diversas violências a que vêm sendo submetidos desde os primeiros contatos com os “brancos” (os napë, “forasteiro, inimigo”). Se pode impressionar pelo tamanho (são mais de 700 páginas), impressiona ainda mais quando, ao ler os comentários finais do antropólogo e redator, dimensionamos o tamanho do esforço exigido para sua elaboração: foram mais de noventa horas de gravações ao longo de mais de uma década, que resultaram em mil páginas de transcrição (todas em Yanomami), impecavelmente organizadas, depuradas, traduzidas e transformadas em um livro de leitura

acessível e agradável. Para além da confiança e do respeito mútuos necessários para um empreendimento de tal magnitude, o resultado final também reflete um incrível esforço e competência de ambas as partes em conhecer e se envolver com os respectivos mundos.

Precisamente por sua grandeza, parece-me bastante complexa essa tarefa de falar sucintamente sobre essa obra. Propus-me a realizá-la, todavia, fundamentalmente pelo impacto que a leitura me causou e continua causando, já que entendo ser necessário tempo para absorver toda a informação ali contida. Creio que assim como eu, muitos outros pesquisadores que trabalham com povos indígenas amazônicos precisarão deste tempo também para processar os impactos desse livro sobre nossas próprias experiências de pesquisa e de atuação junto aos povos com que trabalhamos.

Em termos de estrutura, o livro é composto de três seções de oito capítulos cada uma, precedidas por dois textos introdutórios, um do antropólogo-redator e outro do xamã-narrador, que também assinam, respectivamente, dois textos finais. Tudo isso, complementado por ricos anexos, em que o antropólogo apresenta sucintamente os Yanomami e seu histórico de contato com os brancos (de missionários a agentes do SPI e da Funai, garimpeiros, trabalhadores da Perimetral Norte e pesquisadores), faz um relato conciso da vida de Kopenawa e de seu sogro e iniciador nas artes do xamanismo e do trágico massacre de 16 yanomami provocado por garimpeiros. A esses anexos se somam um glossário etnobiológico e outro geográfico, além de mais de cem páginas de notas, com informações minuciosas que complementam e contextualizam diversas partes das falas do xamã.

A primeira seção, “Devir outro”, contribui para criar uma certa intimidade entre o leitor e o xamã e seu universo, por meio de um relato da experiência de iniciação xamânica de Kopenawa. Somos guiados pelos caminhos de espelhos brilhantes dos xapiri (“imagens dos ancestrais animais yarori que se transformaram no primeiro tempo” (: 111) e que trabalham como auxiliares dos xamãs) que se espalham pela floresta e se estendem até os confins da terra, onde moram os brancos e estão plantadas as árvores de onde os xapiri obtêm seus infinitos cantos e cujos “troncos são cobertos de lábios que se movem sem parar, uns em cima dos outros” (: 114). Trilhando o percurso de seu próprio aprendizado pessoal, Kopenawa nos conta dos sonhos que tinha desde a infância, quando os xapiri o buscaram pelas primeiras vezes, passando por suas dúvidas, hesitações, medos e os sofrimentos decorrentes do processo de iniciação já na vida adulta, e do trabalho como xamã por meio da inalação do pó de yãkoana. Kopenawa faz uma analogia entre esse processo de aprendizado e os estudos escolares das crianças brancas, reforçando que, assim como o último, o aprendizado xamânico é um processo contínuo, que nunca tem fim, mas que se diferencia daquele na medida em que é pautado por experiências sensoriais (especialmente visuais e auditivas), ao contrário dos brancos que somente aprendem “fixando os olhos em peles de papel” (: 76).

A segunda parte, “A fumaça do metal”, contém relatos da história dos contatos dos Yanomami com os brancos e do rastro de mortes que sempre os acompanharam. Seduzidos pelas mercadorias e por um discurso inicial amigável, os Yanomami deixaram que os “forasteiros” se aproximassem, sem saber que traziam consigo as fumaças de epidemia que emanam de seus metais e que seriam, desde então, as principais responsáveis pelo extermínio desse povo. Foi também essa sedução, somada à tristeza promovida pelas ondas de mortes, que levaram os Yanomami da região do alto rio Tootobi, onde Kopenawa passou

a infância e viu morrer seus pais, a se aproximarem dos missionários e de suas palavras de Teosi (Deus). Todavia, pouco a pouco, impossibilitados de ver ou ouvir esse Deus de quem os missionários tanto falavam e que se mostrava também severo e incapaz de protegê-los das epidemias, os Yanomami decidiram abandonar essas práticas religiosas e retomar o trabalho junto aos xapiri.

A despeito de sua falta de interesse pelos missionários, Kopenawa nos conta que ainda nessa época estava imbuído de uma vontade de “virar branco”, que o fez se aproximar da Funai, para quem realizou serviços eventuais durante muitos anos. Visitou todo o território Yanomami e conheceu mais a fundo o que ele chama de “povo da mercadoria”, seu pensamento “curto e obscuro” (: 390) e sua avidez predatória. Foi também neste período que, vendo a devastação com seus próprios olhos, percebeu que a floresta – e o território yanomami – estavam sofrendo ameaças reais e precisavam ser defendidos. Essas experiências, somadas aos conhecimentos xamânicos que veio a adquirir posteriormente sob a orientação de seu sogro, fizeram com que seu pensamento ficasse “direito” e contribuíram para sua transformação em uma figura única no universo Yanomami, responsável por levar suas palavras e as dos xapiri para fóruns nacionais e internacionais. Com participação ativa no movimento que resultou na demarcação da Terra Indígena Yanomami de forma contínua, Kopenawa recebeu prêmios e condecorações das Nações Unidas, de uma fundação sueca (responsável pelo que é conhecido como prêmio Nobel alternativo, o Right Livelihood award) e do governo brasileiro. Seu próprio nome é parte dessa história de circulação entre dois mundos, já que Davi é um nome que lhe foi atribuído pelos missionários, enquanto Kopenawa, agregado alguns anos depois, lhe foi dado diretamente pelos xapiri das vespas kopena, em reconhecimento “da fúria que havia em mim para enfrentar os brancos” (: 72). Tais vivências serviram de base para que fizesse este “documento diplomático” (Viveiros de Castro 2015: 39) que chega a nós em forma de livro.

Também aprendemos com essa narrativa que os caminhos a serem percorridos não são únicos e nem há uma única forma de se pensar ou de ser yanomami. Enquanto alguns permanecem apoiando os missionários ou mesmo ligados aos brancos que os circundam por seu desejo de acesso a mercadorias, Kopenawa faz uma espécie de autoanálise, a partir de sua própria experiência, e conclui que, para ele, “[nós yanomami] só poderemos nos tornar brancos no dia em que eles mesmos [os brancos] se transformarem em Yanomami” (: 75). Uma afirmação poderosa e que desafia aqueles que ainda acreditam na extinção dos povos indígenas por meio de sua transformação em brancos ou, pior, em pobres.

A terceira parte, cujo nome coincide com o do livro, contém os relatos das viagens que Kopenawa fez a outros países como porta-voz dos Yanomami. O narrador nos conta as dificuldades que vivenciou e os aprendizados que teve durante essas estadias no exterior, tendo, por exemplo, que falar aos brancos antes mesmo de poder proferir discursos em sua própria casa na floresta. Através de seu olhar, somos levados a nos reconhecer – mesmo sem conhecer efetivamente os lugares em que ele esteve – em um mundo que não deixa a desejar aos filmes de ficção científica mais pessimistas sobre o futuro: cidades em que o chão treme, “[as] pessoas vivem amontoadas umas em cima das outras e apertadas, excitadas como vespas no ninho. [...] [Onde] o barulho contínuo e a fumaça que cobre tudo impedem de pensar direito” (: 435). Cidades cheias de pessoas que dormem muito, mas não sabem sonhar longe; sonham apenas consigo mesmas (: 390). Para coroar este cenário apocalíptico – e, infelizmente, muito realista –, o capítulo “Paixão pela mercadoria” é

uma crítica ao fetichismo capitalista, em que Kopenawa compara a forma como os brancos despendem todas as suas energias para acumular cada vez mais coisas, enquanto, para os Yanomami, a única coisa que faz sentido é fazê-las circular. Entre eles, depois que alguém morre, considera-se que as coisas que sobram carregam em si traços do morto e, exatamente por isso, devem ser destruídas, para aplacar a saudade dos que ficaram.

Nos capítulos finais do livro, o narrador nos apresenta uma floresta viva, que tem coração, respira, sente dor e sofre com suas árvores derrubadas e a terra queimada, mas cujos lamentos não são escutados pelos ouvidos surdos dos brancos, que a destroem em nome do desenvolvimento ou de uma ganância que parece não ter fim. Todavia, isso tudo tem um preço muito alto e que não poderá ser pago em dinheiro, como nos alerta Kopenawa.

o valor de nossa floresta é muito alto e muito pesado. Todas as mercadorias dos brancos jamais serão suficientes em troca de todas as suas árvores, frutos, animais e peixes. [...] Tudo o que cresce e se desloca na floresta ou sob as águas e também todos os xapiri e os humanos têm um valor importante demais para todas as mercadorias e o dinheiro dos brancos. Nada é forte o bastante para poder restituir o valor da floresta doente. Nenhuma mercadoria poderá comprar todos os Yanomami devorados pelas fumaças de epidemia. Nenhum dinheiro poderá devolver aos espíritos o valor de seus pais mortos! (: 355).

Apesar de toda a hostilidade sofrida, entretanto, o narrador nos conta que os xamãs yanomami não trabalham para proteger apenas aos seus, mas a todos, inclusive os brancos, impedindo, com o auxílio dos xapiri, que o céu volte a desabar como já aconteceu uma vez no início dos tempos. Caso isso aconteça, seremos todos esmagados e arremessados para baixo da terra.

Assim como Kopenawa, tenho esperança de que suas palavras possam se espalhar por meio deste livro. Caberá a cada um de nós, leitores, ouvir o que ele tem a nos dizer e talvez até consigamos nos livrar de nossos “pensamentos ociosos” (: 510) e nos dispor a ampliá-los e deixá-los crescer e se multiplicar em todas as direções. Quem sabe assim possamos, nós também, nos tornar um pouco mais sábios.

Referências

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. 2015. “O recado da mata”. In: D. Kopenawa & B. Albert, A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras.

Recebido em 02 out. 2015.

Aceito em 11 dez. 2015.